

CHAPEUZINHO: UMA NARRATIVA E VÁRIAS LEITURAS

KILMARA DE MACÊDO MARTINS

(Escola Municipal do Ensino Infantil e
Fundamental Cícero Sulpino dos Santos)

RESUMO

A literatura comparada é um ramo da crítica literária que possibilita, dentre outras questões, o estudo comparativo entre literaturas nacionais e internacionais, e a intertextualidade é um dos conceitos que viabilizam esse contraponto. Esse trabalho se propõe a realizar uma leitura comparativa das narrativas Chapeuzinho Vermelho, Jacob Grimm, e Chapeuzinho Amarelo, Chico Buarque, procurando evidenciar pontos de aproximação e distanciamentos entre ambas. A análise se deterá, sobretudo, na construção do enredo e das personagens Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, sem deixar de atentar para outros elementos que estruturam as duas narrativas. Além da parte analítica será feita uma Proposta Metodológica para uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. O estudo usará como referências Nitri (1997), Chaulhub (2005), Proença (1995), Grimm (2005), Buarque (2011), e Coelho (2000).

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Amarelo. Proposta Metodológica.

INTRODUÇÃO

O conceito que a Literatura Comparada contempla e que explicita a articulação entre textos e a partir do qual se pode perceber a transposição de um texto para outro, fazendo surgir o intertexto é o de intertextualidade. Dessa maneira, tomando como fundamentação teórica o conceito de intertextualidade, tomou-se como objeto de estudo para a realização deste trabalho os contos Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo. Embora cada um possua linguagem própria, eles dialogam entre si, na medida em que o segundo retoma aspectos do primeiro.

Percebendo essa ligação entre os contos, objetivou-se analisá-los à luz da noção de intertextualidade, procurando observar em que aspectos os contos se aproximam ou se distanciam.

Para uma abordagem em sala de aula o trabalho foi estruturado em quatro tópicos, iniciando com uma apresentação sobre Intertextualidade, evidenciando alguns dos seus principais conceitos. O segundo empreende os enredos das narrativas. Terceiro a leitura comparativa entre os contos Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, analisando-se, sobretudo, a construção dos pontos de aproximação e distanciamento dos enredos e a postura dos personagens centrais dessas narrativas. E por fim, uma proposta metodológica objetivando o trabalho com a literatura em sala de aula de 6º ano do Ensino Fundamental.

1 INTERTEXTUALIDADE

Os estudos sobre a intertextualidade têm início com as proposições de Bakhtin, que articula uma proposta sobre a linguagem literária partindo de La poétique de Dostoïevski.

De acordo com Nitrini (1997), Bakhtin propôs uma substituição do modelo de segmentação estática do texto literário por uma relação textual que acontece a partir de um outro texto literário. Entendendo-se por segmentação a palavra literária, isto é, o enunciado, e chamou a essa relação de diálogo.

Dessa maneira, entende-se que o diálogo nos textos transforma-se numa estrutura complexa, pois a palavra literária torna-se um discurso pelo qual os textos dialogam entre si, e seus autores, em seus enunciados, proporcionam um diálogo também entre o texto e a sociedade, e da sociedade com a história. Logo, há nos textos: o sujeito responsável pela escrita (autor) e o destinatário da escrita (o leitor).

Para Bakhtin, a 'palavra literária', isto é, a unidade mínima da estrutura literária não se congela num ponto, num sentido fixo: ao contrário, constitui um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, do destinatário (ou do personagem), do contexto atual ou anterior. O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las. (NITRINI, 1997, p. 159)

Assim, o diálogo entre textos ou, do texto com a sociedade, resulta em outro conceito, o de ambivalência, pois os diálogos inserem a sociedade no texto, e o texto na história. Do exposto, compreende-se que um texto sempre faz parte de um outro anterior, porém, não de maneira completa em sua textualidade, mas da leitura anterior, absorve-se o que se deseja dele, e se replica em um texto novo. E dessa reescritura do antigo, surge um novo, havendo entre ambos comunicação e subjetividade.

A partir desses conceitos de Bakhtin, Kristeva (apud NITRINI 1997, p. 163) também formula o seu conceito de intertextualidade. Segundo a autora,

O termo intertextualidade designa esta transposição de um ou vários sistemas de signos num outro, mas já que este termo foi freqüentemente entendido no sentido banal de 'crítica das fontes' de um texto, preferimos o de 'transposição' que tem a vantagem de precisar que a passagem de um sistema significativo a um outro exige uma nova articulação da temática existencial, da posição enunciativa e denotativa.

A intertextualidade, portanto, torna-se a apropriação de um sistema de signos que se transportam para um novo texto. Neste novo texto, os signos receberão outra maneira de articulação e, por conseguinte, terão uma nova exposição e significados. Essa intertextualidade permite fazer uma nova leitura dos fragmentos ou elementos transpostos para o texto novo.

Já, de acordo com o comparatista espanhol Gullén (apud NITRINI, 1997), o intertexto permite unir escrituras literárias, a partir de escrituras anteriores, pois percorre toda a obra literária, sem, no entanto, individualizá-la. Assim, o intertexto é uma leitura não mais apenas de influência, mas de um conjunto de textos que interligados tecem novas visões de leitura de idéias anteriores.

Conforme as ideias de Kristeva e Barthes, no tocante ao intertexto, Gullén (apud NITRINI, 1997, p.165) acrescenta que: “[...] Passam no texto, redistribuídos nele, pedaços de códigos, fórmulas, modelos rítmicos, fragmentos de linguagens sociais etc., pois, sempre há linguagens antes do texto e ao redor dele.”

E essa construção intertextual permite que o leitor compreenda melhor as idéias de autores, cuja expressão verbal distancia-se tanto no tempo, quanto na linguagem, permitindo que o receptor da nova obra entre em contato com textos de abordagens distintas, mas que convergem para um mesmo assunto. Sendo assim, percebe-se que o intertexto é aquele que está formado por partes de outros textos, e em meio à tamanha

quantidade de oferta textual fica acessível tanto a produção, quanto possível, também, se torna a leitura desses intertextos.

Conforme a abordagem sobre intertextualidade analisada, buscaremos encontrá-la nos enredos das narrativas infantis Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, considerando suas aproximações e distanciamentos.

2 CHAPEUZINHO VERMELHO x CHAPEUZINHO AMARELO

2.1 O enredo das narrativas

2.1.1 Chapeuzinho Vermelho

O conto Chapeuzinho Vermelho, dos irmãos Grimm, narra a história de uma menina que morava com sua mãe em uma vila perto de um bosque. Todos a chamavam por esse apelido porque ela usava um capuz de veludo vermelho dado por sua avó. Certo dia, a mãe da menina mandou que ela fosse à casa da avó deixar bolo e vinho, porque a mesma se encontrava fraca, orientando-a a não sair do caminho.

Ao entrar no bosque a menina encontrou um lobo, que a cumprimentou e, após breve conversa, descobriu que ela ia visitar sua avó e onde a velhinha morava. Pensando em devorar as duas, o lobo enganou a menina mostrando-lhe o canto dos passarinhos e as flores. Enquanto isso, o lobo correu até a casa da velhinha que mandou que ele entrasse. Logo após, chegou Chapeuzinho, ela chamou a porta, e o lobo, imitando a voz da velhinha, a mandou entrar. Ela entrou, e achou estranhas as características físicas da avó e, indagando sobre sua aparência, assustou-se. Um caçador, que por ali passava, ouviu um ronco, e se surpreendeu ao ver que era o animal. Ele, sentindo falta das duas, abriu a barriga do lobo encontrando vivas a avó e a netinha. Após o susto, a menina disse que não mais desobedeceria à sua mãe.

2.1.2 Chapeuzinho Amarelo

Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, é uma narrativa em verso que conta a história de uma menina que tem medo de tudo, até do próprio medo. Para alguns medos há justificativas: tem medo ir para fora, para não ficar suja; medo de tomar sopa, para não se transformar em sopa; medo de tomar banho, porque pode se descolar; medo de

falar, porque pode ficar engasgada, e até medo de ficar em pé, porque pode cair. A menina então passa a ficar deitada, mas tem medo de dormir e ter pesadelo.

Porém, o maior medo de Chapeuzinho Amarelo é do lobo, que não se via, e morava em uma terra estranha. Mesmo sem saber se o lobo existia, a menina tinha medo de encontrá-lo. E de tanto pensar, esperar, um dia ela o encontra. A partir desse momento, ela vai perdendo o medo, porque o lobo na verdade é um bolo. E o medo acaba sendo transferido para o lobo bolo que fica com medo de ser devorado. Enquanto isso a menina dá risada e o lobo fica chateado.

Desse encontro, os medos da menina deixam de existir. E Chapeuzinho Amarelo começa a brincar com outras crianças, e, mesmo sem tê-las por perto para brincar, inventa brincadeiras com seus antigos medos, e transforma-os em aliados de suas brincadeiras.

3 APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO ENTRE CHAPEUZINHO VERMELHO E CHAPEUZINHO AMARELO

Retomando o conceito de intertextualidade apresentado buscaremos evidenciar algumas aproximações e distanciamentos entre o conto clássico Chapeuzinho Vermelho e a narrativa poética Chapeuzinho Amarelo. Nesse sentido, vale a pena lembrar a afirmação de Chaulhub (2005, p. 52): “a intertextualidade é uma forma de metalinguagem, onde se toma como referência uma linguagem anterior.”

E sob o aspecto da linguagem conotativa do texto literário abrem-se possibilidades para o jogo com as palavras, como se vê nos textos, possibilitando meios de utilizar a língua para expressar ideias, valores, pensamentos ou fantasias, que são elementos empregados e passíveis de análises.

Dessa maneira, sobre o cruzamento no discurso literário, Proença Filho (1995, p. 71) explica que: “[...] em termos de horizontalidade, a palavra, no texto, pertence, ao mesmo tempo, a quem escreve e ao destinatário; verticalmente é orientada na direção do corpus literário anterior ou do contemporâneo”. Essa verticalidade do corpus do texto literário organiza o espaço pelo qual a liberdade de criação possibilitará inúmeras leituras e/ou releituras do texto, inventando e/ ou reinventando a ideia contida no mesmo.

De acordo com as análises das narrativas Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, pode-se inferir algumas aproximações e distanciamentos entre ambos.

Ao longo da narrativa de Chapeuzinho Vermelho além da protagonista, existe a presença de outras personagens que fazem parte do conto, e o narrador tenta conduzir a história sob o ponto de vista do adulto, é ele quem diz a menina o que ela deve fazer. Essa orientação surge com a fala da mãe da menina, conforme (Grimm 2005): “[...] venha cá Chapeuzinho. [...] Vá visitar a sua avó [...], vá direto pelo seu caminho, comporte-se bem e com discrição; e não corra para não cair [...]” Esta fala da mãe justifica a lição sofrida por Chapeuzinho Vermelho ao final do conto.

Além dessa ainda há a avó e o caçador. Essas cooperam com a trama de diferentes maneiras: a mãe aparece dando a ordem para que a garota vá visitar sua avó, ação que dá início a trama; a avó, como uma figura amorosa e indefesa, acaba se tornando vítima do lobo em sua tentativa de ludibriar a garotinha, e o caçador, que acaba sendo o herói da história, salvando Chapeuzinho e sua avó, e contribuindo com o final feliz do conto.

Todavia, o conto usa um tom moralizante no final, como se percebe nesse trecho (Grimm, 2005): “Puxa”, pensou ela, “nunca mais sairei de meu caminho para andar pelo mato quando minha mãe me proibir”. Essa moralização objetiva que a criança perceba, nas narrativas, as lições de vida que poderiam ser absorvidas por ela.

Esse povoamento de personagens não ocorre em Chapeuzinho Amarelo. Há apenas dois personagens, a garota e o lobo. Ela, de tanto ouvir a história infantil Chapeuzinho Vermelho, desenvolve uma série de medos, e não há no texto outro personagem que possa auxiliá-la na tarefa de enfrentar esses temores. O lobo é apenas uma figura da imaginação da menina, das histórias contadas a ela. Ao final do conto ela encontra o lobo, mas não de verdade, e sim um bolo confeccionado no formato de um lobo.

Em relação aos títulos dos contos, pode-se observar, na sua construção, a palavra Chapeuzinho dentro das duas narrativas, no entanto, com justificativas distintas. Em Chapeuzinho Vermelho o título possui essa denominação conforme o apelido recebido pela menina ao ganhar um capuz vermelho de sua avó. Em Chapeuzinho Amarelo, o título do conto também se justifica no corpus do texto. Todavia, a Chapeuzinho Amarelo era uma menina medrosa, ela amarelava diante de tudo que acontecia: “Era a Chapeuzinho Amarelo. / Amarelada de medo.”

Logo, observamos que o medo é um elemento comum em ambos os contos. Ele se configura de maneiras particulares. Em Chapeuzinho Vermelho a garota no início do conto não demonstra medo algum. Ela sai de sua casa sozinha e atravessa um bosque

para chegar até a casa de sua avó. Conversa com o lobo naturalmente, e a ele diz todas as dicas de onde mora a velha senhora. Essa situação inicial configura a inocência da menina, isto é, sua pureza atrai a atenção do antagonista, despertando nele o desejo de devorá-la. Ao final do conto, há uma mudança de postura da protagonista. Chapeuzinho Vermelho, ao se encontrar com o lobo, na casa avó, começa a ficar assustada com o comportamento estranho do animal. E a partir desse encontro, até o momento em que é salva pelo caçador, ela mantém esse aspecto do medo sobre o que aconteceu, e o que poderia vir a acontecer, caso ela desobedecesse a sua mãe novamente, chegando à conclusão de que não mais iria transgredir suas ordens.

Diferente é o que ocorre em Chapeuzinho Amarelo. O próprio título já é justificado pelo medo da menina. O jogo com as palavras “amarelo” / “amarelada” configura uma brincadeira com o conto, revelando que não se trata de uma menina comum, é uma menina medrosa, que tem medo até da própria sombra, comportamento perceptível e comum entre as crianças. Importante destacar que os medos de Chapeuzinho Amarelo surgem do conhecimento e influência do conto Chapeuzinho Vermelho. Como pode ser observado em Buarque (2011):

E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.

Percebe-se nessa estrofe que os textos se cruzam. O texto clássico dá ao texto contemporâneo a sua contribuição para a construção da nova história. Dessa maneira, o medo da menina tem uma razão de existir, visto que a história de Chapeuzinho Vermelho sempre esteve presente em sua imaginação, e o medo do lobo do conto de fada confundia-se com sua realidade, deixando-a receosa com tudo ao seu redor. Ao encontrar em sua realidade o lobo, os medos de Chapeuzinho Amarelo desaparecem. Entretanto, ela não tem ajuda para vencê-los, enfrenta seu antagonista, e se diverte, em descobrir que aquele “lobo” que ela tanto temia, não passava de um “bolo”.

Outra aproximação verificada surge com o uso do vocábulo “bolo”, empregado nas duas histórias em contextos e valores estéticos diferentes.

Em Chapeuzinho Vermelho “bolo” é parte da alimentação da velhinha que se encontrava doente. Ele é levado por sua netinha a fim de que ela fique mais fortalecida, já que estava doente e fraca. Ao final da narrativa, retorna-se o vocábulo quando a avó e a neta são salvas pelo caçador, e os três comemoram a morte do antagonista se deliciando com a guloseima.

Em Chapeuzinho Amarelo, os vocábulos “bolo” e “lobo” ortograficamente se misturam, havendo uma inversão nas sílabas da palavra “lobo”, da primeira narrativa, o que possibilita a formação de outra palavra, “bolo”. O parentesco poético entre os substantivos “lobo” e “bolo” transforma o contexto da história, ou seja: sendo o “lobo” um “bolo” não causa medo a garota, fazendo com que Chapeuzinho Amarelo liberte-se do medo sozinha, observando a figura de um bolo em forma de lobo, que em Chapeuzinho Amarelo está na imaginação da menina e, portanto, incapaz de fazer mal.

As impressões ruins causadas pela história do lobo em Chapeuzinho Vermelho a levaram a desencadear uma série de outros medos, os quais são vencidos quando ela vê a figura do lobo, porém, em formato de bolo: “Chapeuzinho não comeu / aquele bolo de lobo.” E desse encontro inusitado, Chapeuzinho Amarelo se transforma. E o medo enfim se converte em brincadeira, conforme a estrofe a seguir Buarque (2011):

Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma
em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

A linguagem literária empregada em Chapeuzinho Vermelho, cujo tom moralizante na narrativa é a principal característica do estilo empregado na época, conforme Coelho (2000, p. 108): A exemplaridade é um dos objetivos mais evidentes da narrativa primordial novelesca. Ela não irá ocorrer em Chapeuzinho Amarelo, já que há uma desconstrução desse discurso antigo, utilizando um jogo com as palavras “lobo”, e “bolo”, ocorrendo o mesmo em “raio”, “barata”, “bruxa”, “diabo”, que passam a ser

respectivamente “orrái”, “tabará”, “xabru”, “bodiá”. Logo, entende-se do discurso que é possível para a criança vencer seus medos apenas brincando, e para isso utiliza as figuras pelas quais se constroem os medos da menina.

4 PROPOSTA METODOLÓGICA

Apoiando-nos na Interxtualidade, e nos enredos analisados propusemos algumas sugestões metodológicas para o ensino de Literatura, na série de 6º ano do Ensino Fundamental, a partir de experiências já trabalhadas em sala de aula.

A condição primordial para o bom êxito do trabalho é o envolvimento do professor nas leituras acima propostas. É preciso que ele tenha o gosto pela leitura e envolva os alunos de maneira a proporcionar-lhes um clima apropriado a sua criatividade, o que implica em uma aula bem planejada em relação ao tempo, espaço, divisão de grupos e, principalmente, boa elaboração de materiais didáticos.

A primeira sugestão implica em fazer, em aulas diferentes, as leituras do Conto Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, com suas reflexões, sendo auxiliado com slides, para que a leitura se torna mais atrativa. Conversar sobre as narrativas: o que mais gostou? O que não gostou? O que achou diferente? O que achou engraçado? Que final você daria a cada um?

No âmbito da brincadeira, podemos articular atividades de confecção de material como ilustrações das narrativas, em suporte de História em Quadrinhos, em que cada aluno individualmente, ou em grupos pequenos, irá produzir, e ilustrar sua própria história, usando um final alternativo daqueles já empregados.

Ao final do ciclo de trabalho, podemos montar uma exposição com as confecções de História em Quadrinhos para cada uma das narrativas, ficando seu expositor ou expositores, responsável/responsáveis por recontar ao público visitante, alunos de outras séries, as histórias reescritas pelos mesmos. Atividade na qual, recria um novo ambiente de leitura das narrativas, com suas possíveis reescrituras. Logo, são essas atividades em sala que justificará as várias leituras, visto que os alunos atribuirão a elas seus pontos de vista, possibilitando uma aula de Literatura dinâmica, criativa e produtiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre o Conto Chapeuzinho Vermelho, e a Narrativa Poética Chapeuzinho Amarelo evidencia pontos de contato entre os mesmos, bem como de distanciamento, conforme ressaltou-se na análise de ambos. Nesse sentido, acreditamos ter atingido o objetivo central desse trabalho: analisá-los a luz da intertextualidade.

A análise destaca que alguns elementos do clássico infantil Chapeuzinho Vermelho são retomados em Chapeuzinho Amarelo, mas em contexto diferente. A começar pela explicação dos títulos: no texto clássico, a menina recebe o apelido de Chapeuzinho Vermelho através do adereço recebido da sua avó, um capuz vermelho. Na narrativa contemporânea, a garota se chama Chapeuzinho Amarelo através de sua característica, era “a Chapeuzinho amarelada de medo”.

Outro aspecto que explicita a intertextualidade entre os contos é a personagem antagonista: “o lobo”, que povoa as duas histórias. Essa personagem é desconstruída no texto contemporâneo quando do seu encontro com a menina.

A linguagem é outro ponto de ressalva. Em Chapeuzinho Vermelho o discurso empregado é moralizante, enquanto que em Chapeuzinho Amarelo o discurso utiliza a linguagem simbólica da poesia a fim de construir uma narrativa que encanta o leitor pelo jogo com as palavras. Dessa maneira, ao retomar elementos do conto clássico, Chapeuzinho Amarelo pode ser tomado como um intertexto de Chapeuzinho Vermelho.

Por fim, a proposta metodológica é viável para uma sala de aula de 6º ano do Ensino Fundamental, por meio da brincadeira que pode ser criada, e com a possibilidade de uso do desenho e da pintura, na confecção da HQ. Artes que chamam a atenção das crianças. Além disso, surge um incentivo à escrita e a possibilidade do trabalho com a oralidade, ao incentivá-los a apresentar seu trabalho aos demais colegas.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

CHALHUB, Samira. A metalinguagem. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios)

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GRIMM, Jacob. Contos de fadas / Irmãos Grimm. (apresentação: Sílvia Oberg) 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.
(Série Princípios)